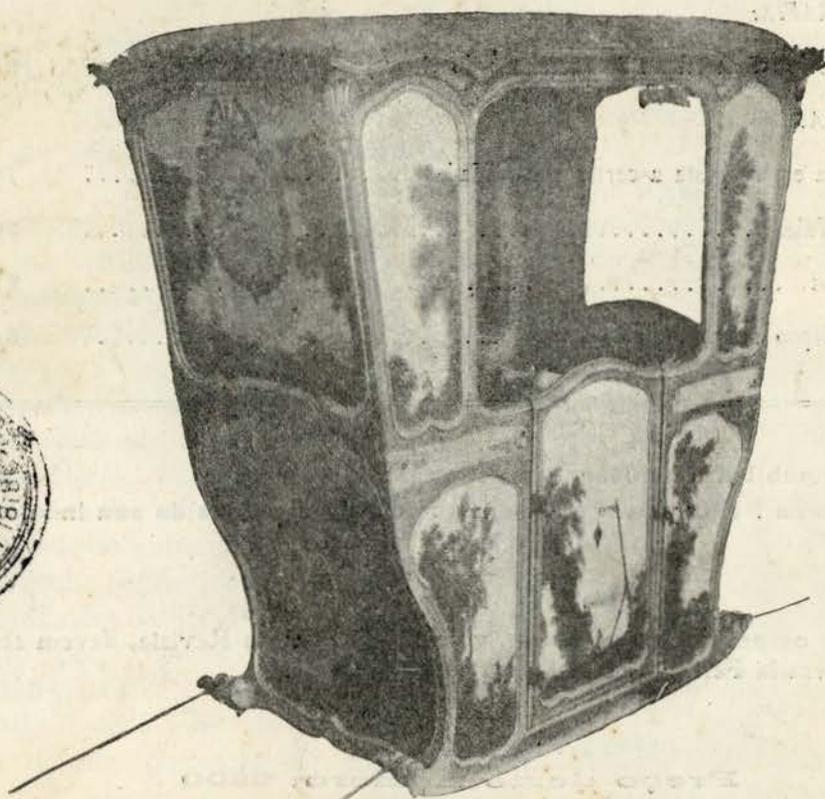


# TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA  
ARTISTICA E ETNOGRAFIA



LITEIRA DA «CASA DAS BRÔLHAS» — LAMEGO

LISBOA

MCMXXV

## SUMÁRIO

N.º 40 — MAIO DE 1925

	Pag.
<b>ARTE:</b>	
Carros, Liteiras e Cadeirashas— <i>D. Sebastião Pessanha</i> (com 15 ilustrações e uma tricromia em <i>hors-texte</i> ).....	65
Um quadro, assinado, de <i>Vasco Fernandes</i> (1 ilustração).....	78
<b>ETNOGRAFIA:</b>	
O Abrigo Pastoril na Serra (Notas do Gerez) — <i>Tude M. de Sousa</i> ...	74
<b>CRONICA:</b>	
Ainda em resposta a certas amabilidades.....	79
Sic Valeas .....	79
Livros.....	81
Um lapso archeologico.....	84

Só se publica a colaboração solicitada «por nós».

A «Terra Portuguesa» só permuta com publicações da sua indole.

Todos os pedidos de fascículos, volumes e capas da Revista, devem ser dirigidos à Livraria Ferin, R. Nova do Almada, Lisboa.

**Preço deste numero: 6\$00**

# TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITERÁRIO E EDITOR:  
VERGILIO CORREIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua da Estrela, 61

PROPRIETARIO:  
D. SEBASTIÃO PESSANHA

MAIO DE 1925

Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 24  
LISBOA

TOMO V—N.º 40

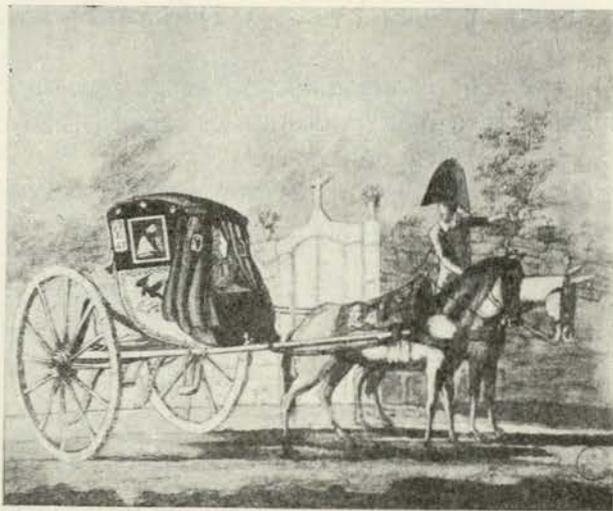
## CARROS, LITEIRAS E CADEIRINHAS

COM o findar da primeira metade do seculo XIX e o dismantelar da ultima sege, findou, tambem, toda uma epoca de arte, no campo restricto do trabalho de bem construir e decorar os carros que foram os antepassados dos modernos meios de transporte.

E se marco essa data como o terminus inglorioso do labor dos segeiros artistas, é porque não considero como existentes para os vivos os velhos carros, outr'ora alegres, bizarros, faustuosos, que hoje, numa tarefa lugubre, servem simplesmente para a ultima viagem dos mortos.

Em 1878, segundo se lia no *Diario de Noticias* de 29 de Junho, só n'uma officina da Travessa da Horta, estavam em desmancho varios carros antigos, contando-se, entre elles, um formoso coche que pertencera á casa dos Condes da Bahia, e até um outro, decerto mais velho, que a tradição dizia ter sido dos Condes de Almada e servido no proprio dia da revolução de 1640.

Se, recuando ainda mais, eu fallasse d'aquelle celebre carro que foi trazido de Hespanha por Philippe II e que é a peça mais archaica do riquissimo Museu de Belem, breve teria de me referir, igualmente, ás andas e andilhas, que fizeram as delicias dos viajantes da Edade Media e da Re-



SÈGE (GRAVURA ANTIGA)

## CARROS, LITEIRAS E CADEIRINHAS



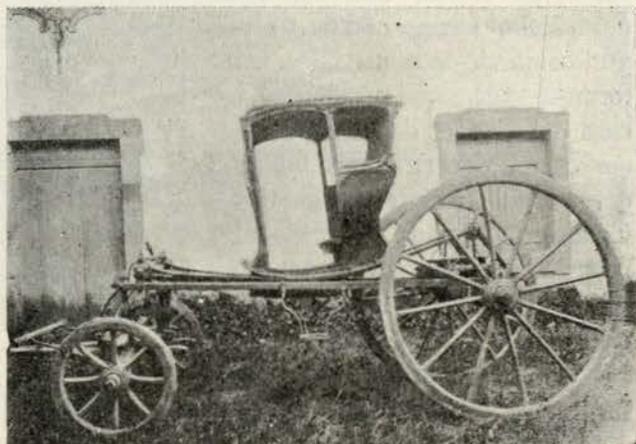
DO MUSEU DE LAMEGO

berlinas, de corrocins, de seges, de liteiras e de cadeirinhas. E porque o Rocio era já, como hoje, o coração da cidade, ali convergiam os passeantes ociosos, como nos refere, n'estes termos, o auctor da «Description de la Ville de Lisbonne» (Amsterdam, 1780):

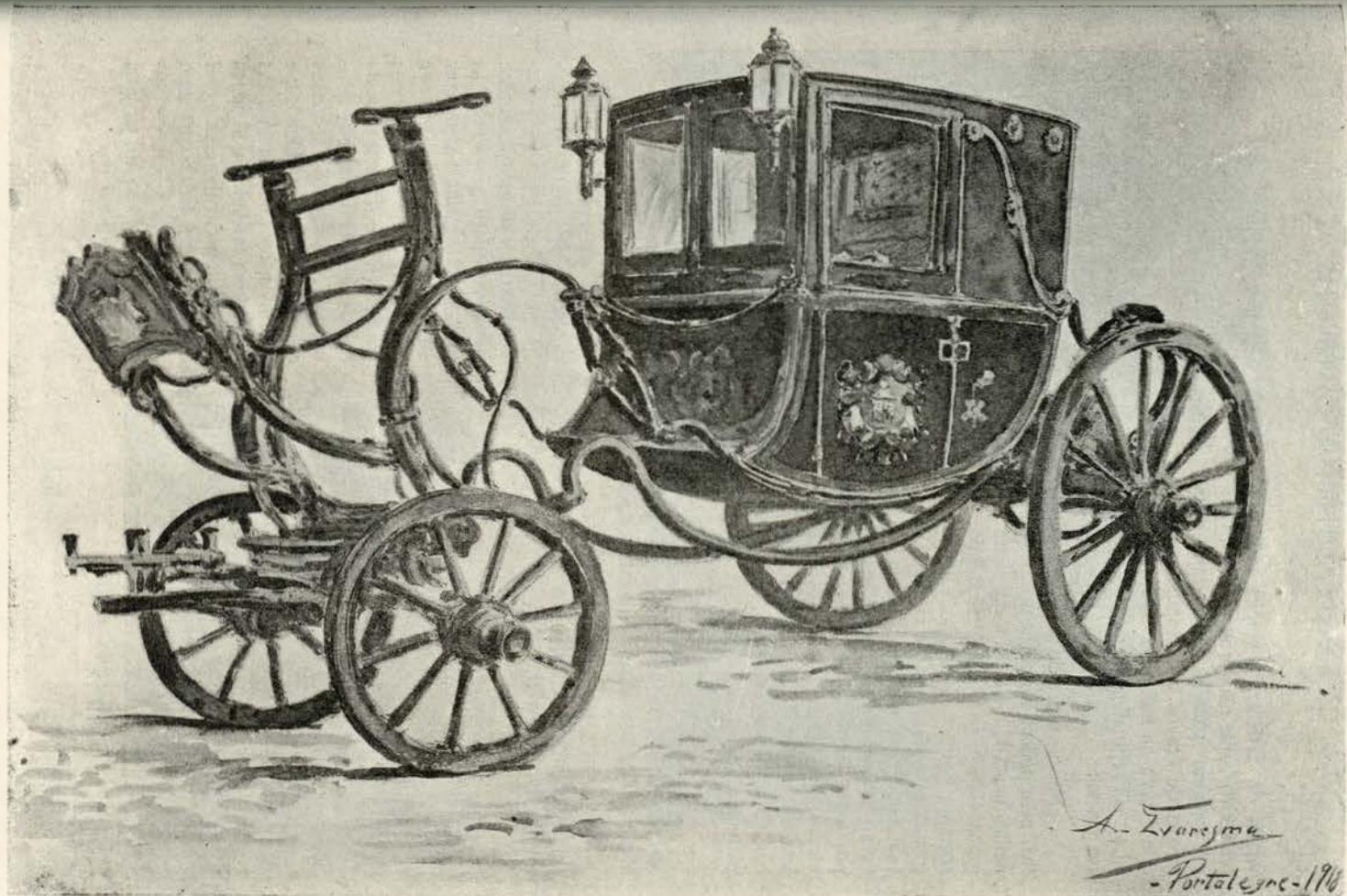
«Les Grands & les Gentilshommes suivent néanmoins assez ce spectacle; & au sortir de là, ils vont consumer le reste du jour à se promener dans leurs Carrajes ou Chaises, sur la place du Rucio, où ils causent entr'eux jusqu'à la nuit, sans sortir de leurs voitures. Les Chaises roulantes sont fort en usage, ainsi que Les Litieres pour les Dames de distinction & pour les Vieillards: mais on voit fort peu de Carrosses, à cause de l'incommodité des rues».

A collecção magnifica de coches que se guarda em Belem, demonstra amplamente que a mestria dos nossos segeiros não desarmava ante o estado deploravel das ruas da capital, que os modernos municipios teimam em perpetuar, talvez como sentida homenagem á memoria d'aquelles obreiros illustres....

Bem curioso deveria ser o contraste d'essas ruelas da Lisboa anterior a 1755, estreitas e tortuosas, escuras de noite e de dia, pedregosas de verão e lamacentas de inverno, com esses carros galantes, luzindo dourados e ostentando pinturas d'uma re-



DO MUSEU DE LAMEGO



CALEÇA DO IMPÉRIO (Pertence ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ruy Caldeira Castello Branco -- Quinta do Bomfim -- Portalegre)

## CARROS, LITEIRAS E CADEIRINHAS

voadas de artistas, portugueses e estrangeiros, que não se envergonhavam de assignar painéis de carruagens e caixas de cravos e de espinetas, porque estava ha muito esquecida aquella «Ley e Pragmatica» de 1798, que dizia assim:

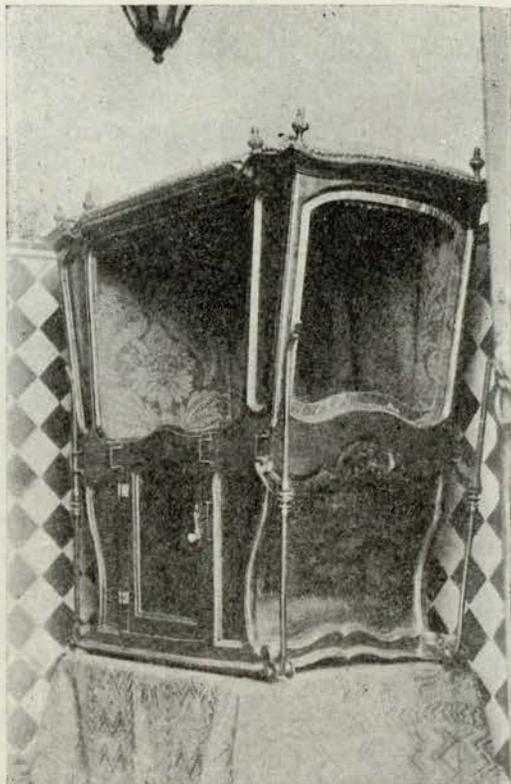
«Não se usará de seges descubertas, nem poderá andar pessoa alguma nellas, nesta Cidade, nem em outra alguma cidade, ou Villa deste Reyno; & sómente ficarão permittidas, quando algumas pessoas forem de caminho, com tanto que nem ainda nesse caso começarão a jornada entrando nellas em povoado; mas quando forem pelas estradas, poderão continuar o caminho, ainda que seja entrando, & sahindo nas Cidades, & Villas delle, mas não para andarem nellas.»

.....  
«Como nem tambem se poderão forrar os coches, liteyras, ou seges de nehu modo de lutto exterior ou interior.»

Nas «Cartas sobre as Modas» (Lisboa, 1789), por exemplo, é facil verificar como, noventa annos mais tarde, se tinham posto de parte os rigores de D. Pedro II.



LITEIRA (GRAVURA ANTIGA)

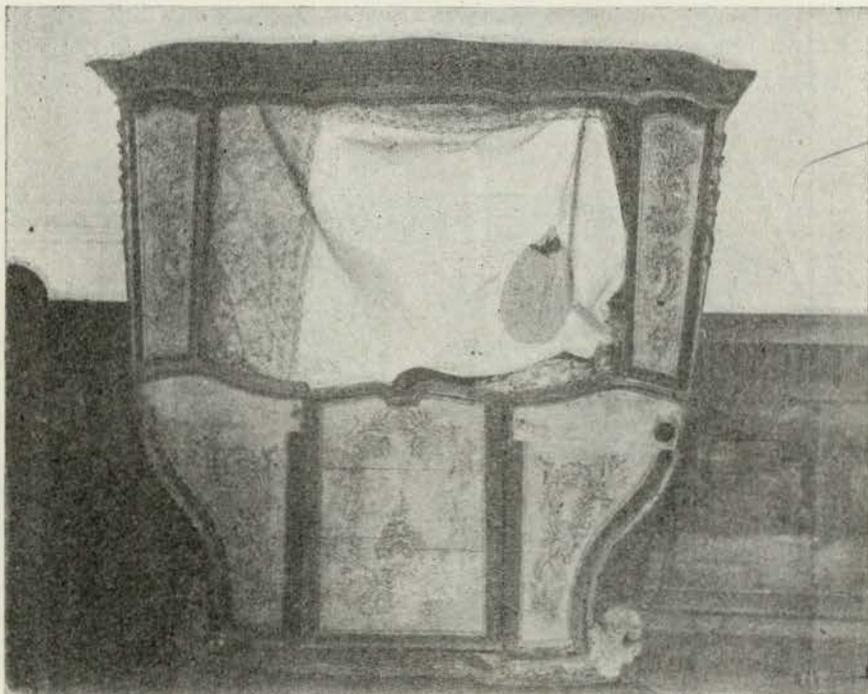


DO DR. ALFREDO DA CUNHA — LISBOA

Basta lêr-se esta passagem: «mas tanto que fizesse as primeiras, logo lhe havia dizer que andava envergonhada por não ser decente a carruagem; porque vira, e tinha noticia de outras pessoas de inferior qualidade, que andão em coches de almofada bem entalhados, e dourados, com dous lacaios nas rodas bem fardados, e algumas com outro a cavallo com igual farda, e quasi todas com hum escudeiro adiante bem casquilho, ou fingindo-se Militar com galão no chapéo.»

## CARROS, LITEIRAS E CADEIRINHAS

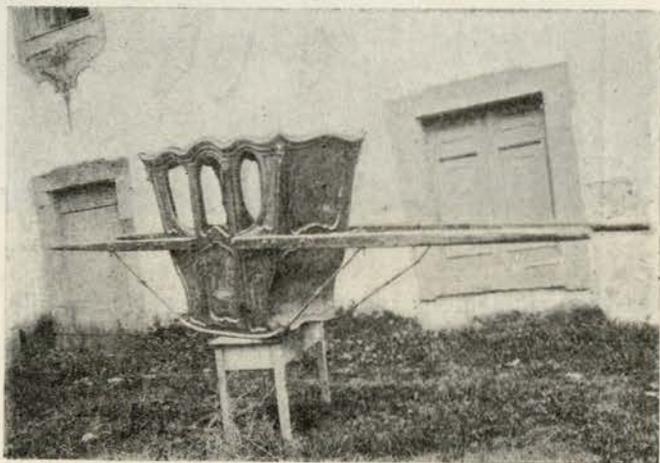
Mas o tempo, que nada poupa, breve se encarregaria de reformar essa espantosa galeria de carros, para a fazer substituir pela sége — a escura e desconjuntada sége que quasi chegou aos nossos dias. Os coches com paisagens e scenas



DA CASA DAS BRÔLHAS — LAMEGO

pintadas nos paineis; as berlinas e calexas de portinholas brazonadas; os florões castelhanos, carregados de pregaria; as estufas, pesadas de cristaes da Bohemia; todo um mundo de arte, de graça e de fausto ambulantes — tudo isso foi morrer, esquecido, abandonado, desmantelado, às mãos grosseiras dos segeiros do seculo passado.

Mesmo a liteira, de maior commodidade para os maus caminhos e para as grandes jornadas, estava des-thronada, e ia longe a epoca em que o album de Henry L'Eveque, intitulado «*Costume of Portugal*», a descrevia deste modo poetico:

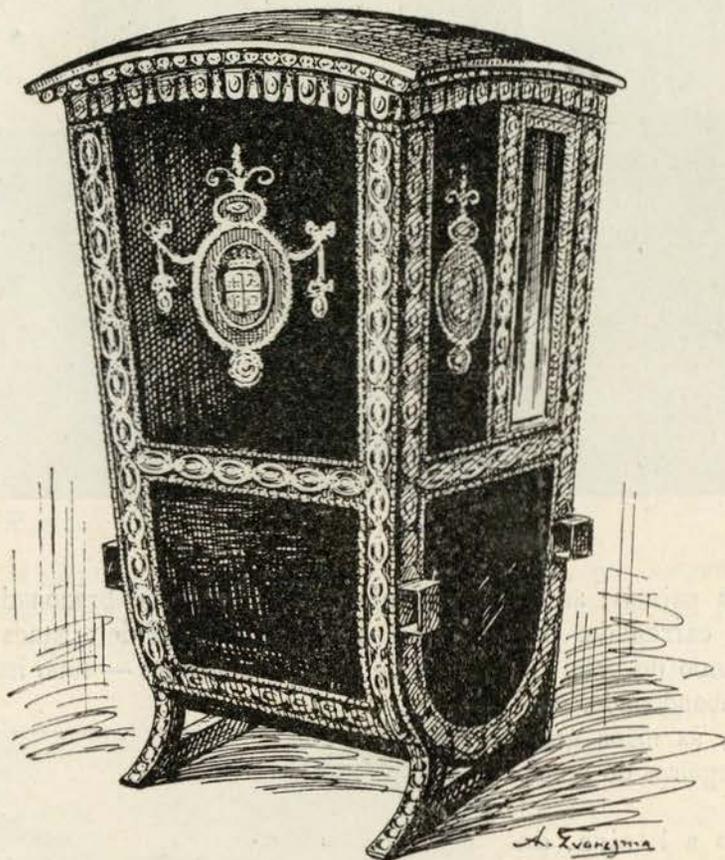


DO MUSEU DE LAMEGO

«C'est, comme on le voit

## CARROS, LITEIRAS E CADEIRINHAS

dans cette gravure, une caisse qui ressemble beaucoup à celle d'une chaise à porteurs, excepté que les dimensions en sont plus grandes, et qu'au lieu d'être portée par deux hommes, elle l'est par deux mulets vigoureux qu'on y attèle. Une portière s'ouvre de chaque côté de la caisse, dont l'intérieur est rembourré, doublé en drap ou en soie, et fermé par des rideaux, et quelques fois par des glaces. Deux personnes y sont assises à l'aise, en se plaçant, non pas à côté, mais vis-à-vis l'une de l'autre. Cette situation en tête-à-tête, le balancement très-doux de la



DA EGREJA DE SANTOS-O-VELHO

machine, la lenteur même de sa marche, car elle ne fait guères, dans la journée, plus de 20 à 25 milles (5 à 6 lieux du pays), tout semble inviter les voyageurs à charmer la longueur de la route par les plaisirs de la conversation et les épanchemens de la confiance: c'est ce qui a fait dire, que la litière étoit, par excellence, la voiture des amis et des amans, qui ont toujours tant de choses à se dire, et qui ne sont jamais rassasiés du plaisir de se voir.»



CAIXA DE UM CÔCHE EPISCOPAL — MUSEU DE ELVAS — AGUARELA DE ANTONIO QUARESMA

## CARROS, LITEIRAS E CADEIRINHAS

A propria cadeirinha, por vezes coberta de velludo, com os ferros dourados e o persevão atapetado, pouco sobreviveu ao Imperio, e viram-se as ultimas, nas ruas de Lisboa, já então alinhadas pelo esquadro de Pombal, nas conduções de doentes para os hospitaes, ou de invalidos para a Misericordia. Mas foi-lhe, ao menos, poupada uma ultima affronta, reservada, por escarneo, para os carros galantes e frivolos do seculo XVIII: passearem os mortos, depois de mascarados pelos vivos.

D. SEBASTIÃO PESSANHA.

### NOTAS

Além das riquissimas peças que se guardam no Museu de Belem — o primeiro do genero em todo o mundo —, muitas outras se encontram ainda em Portugal, carinhosamente conservadas, na grande maioria, pelos seus possuidores.

Nos meus apontamentos, que nem por sombra pretendo serem completos, encontro nota das seguintes:

*Liteiras.* — No solar da familia Malafaya, em Serrazes, existem duas liteiras completas, com os competentes arreios. (Informação de Luis Keil).

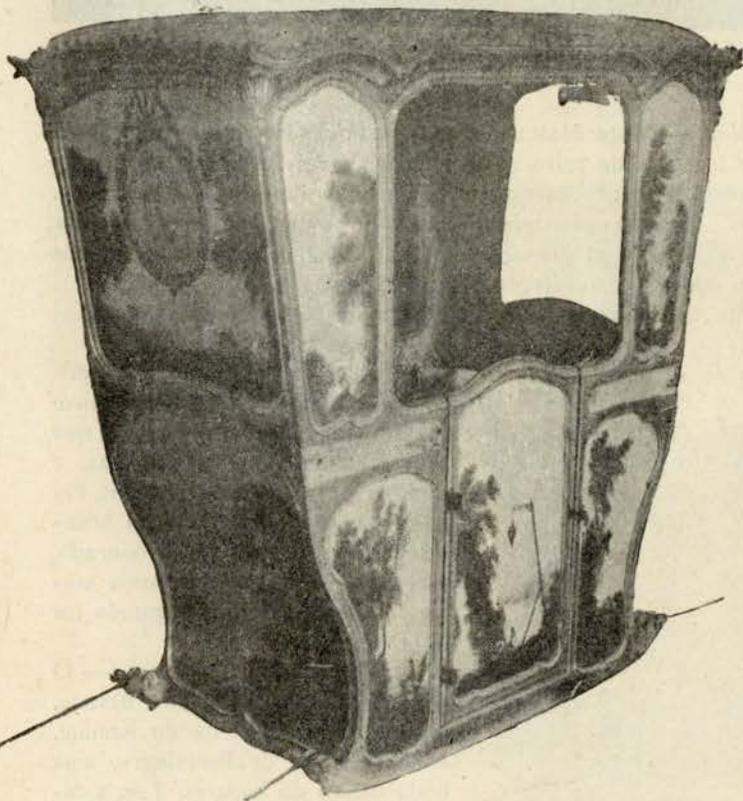
*Cadeirinha do Imperio.* — Em uma das tribunas da igreja de Santos-o-Velho, em Lisboa, convertida em arrecadação, existe uma cadeirinha da epoca do Imperio bastante interessante e em relativo bom estado de conservação.

Todos os paineis são forrados de coiro preto e contornados com faixas de coiro vermelho, que tambem guarnecem as janellas e a portinhola. Estas faixas, por sua vez, são recamadas de applicações de bronze dourado, o que tambem succede no friso que corre em volta do tejadilho e que imita uma franja com borlas.

Nos dois paineis lateraes, estão applicados escudetes, egualmente de bronze dourado e assentes sobre fundo de couro vermelho, com as iniciaes J. A. D. B.

No painel trazeiro, em outro escudete identico, ostenta um brazão d'armas, encimado pela coróa de marquez.

*Liteira do seculo XVIII.* — Pertence ao sr. dr. Alfredo da Cunha e vae reproduzida na pag. 68. Paineis de fundo verde escuro, com ornatos côr de laranja e brancos, e frisos dourados.



DA CASA DAS BRÔLHAS — LAMEGO

## CARROS, LITEIRAS E CADEIRINHAS

No painel trazeiro e nas portinholas, o braço d'armas d'uma casa nobre de Guimarães. Forrada interiormente de damasco vermelho. Tejadilho liso, forrado de coiro, com oito maçanetas de metal cinzelado. Fechos e ferros dourados.

Foi restaurada com excellent criterio, pois até o persevão está atapetado com um fragmento de um autentico persa.

Poisa aiosamente sobre um pequeno estrado, coberto por um velho Arrayolos e collocado á direita da entrada principal da linda casa do Largo de S. Vicente.

*Museu da igreja de S. Nicolau.* — Neste Museu (escada), está exposta uma cadeirinha do fim do seculo XVIII, com os paineis forrados de coiro preto e guarnecidos de festões de bronze dourado, realçando sobre fundos vermelhos, tambem de coiro. Cortinas e estofo de seda branca.

*Misericordia de Lisboa.* — Vi alli duas cadeirinhas, ainda hoje empregadas no transporte de enfermos, uma do seculo XVIII e a outra do principio do seculo XIX, ambas ostentando, nos paineis trazeiros, o emblema usado por este estabelecimento de caridade.

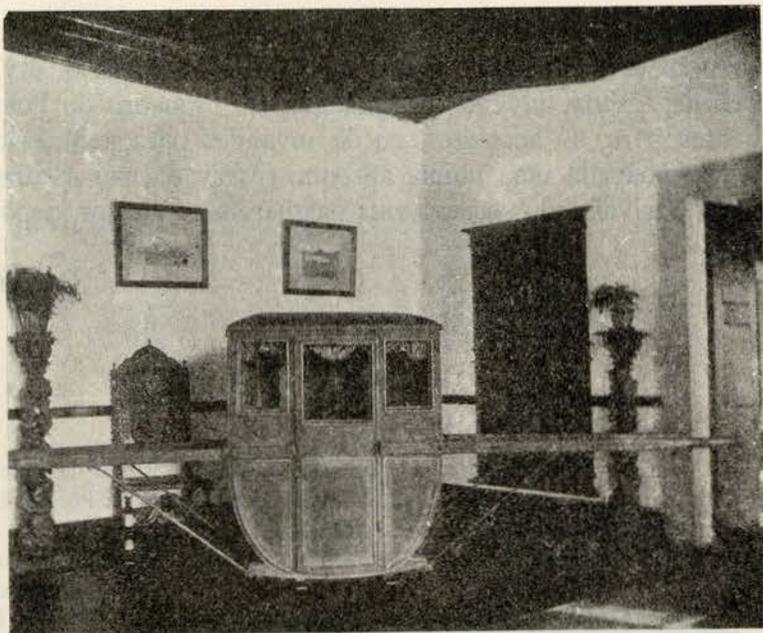
*Berlinda.* — Está hoje no Museu Municipal a caixa da berlinda que pertenceu ao extinto Paço Episcopal de Elvas.

E' um interessante trabalho do seculo XVIII, tanto sob o ponto de vista artistico como

documental. Os paineis, de madeira são revestidos de boas pinturas que representam scenas de batalhas, e guarnecidos de frisos dourados. Foi inteiramente forrada de seda branca. O rodado, vermelho e dourado, está arrecadado na abegoaria municipal, já incompleto, segundo me informaram.

*Caleça do Imperio.* — O sr. Ruy Caldeira Castello Branco, possui na sua Quinta do Bomfim, nos arredores de Portalegre, uma linda caleça do Imperio. Tem a capota de coiro preto, com rosetas e ferragens de metal prateado e correias pendentes, cobertas de galão, onde se seguravam os credos de taboa.

A caixa, de madeira pintada,



DA CASA DO HOSPITAL, EM MONÇÃO, (CONDE DE AZEVEDO)



LITEIRA (DESENHO ANTIGO)

## CARROS, LITEIRAS E CADEIRINHAS

com mantos de arminho purpurado nos painéis dianteiro e trazeiro, motivos isolados nos dois lateraes e braços d'armas nas portinholas, sobre mantos identicos, está forrada interiormente de seda branca, semeada de pequeninas setas azues.



LITEIRA (GRAVURA DE H. L'VEQUE)

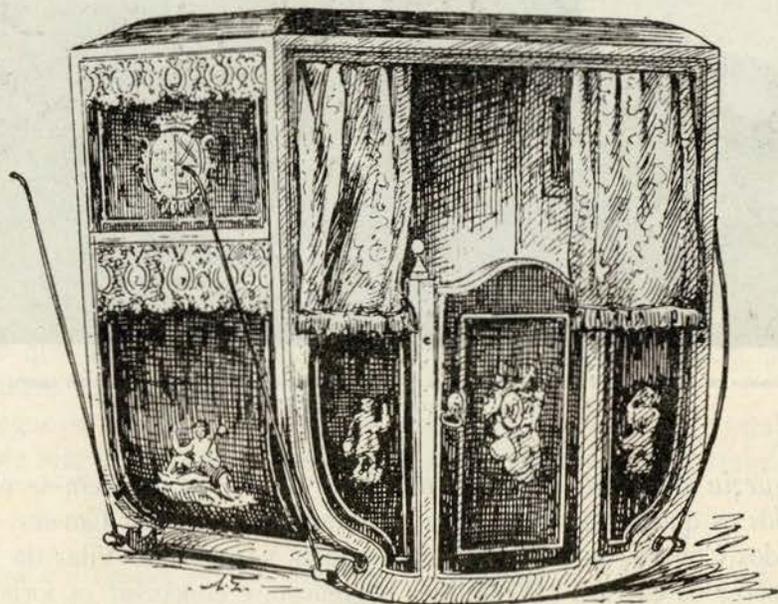
O rodado, a taboa, o jogo e a cadeira, são pintados de amarello, com traços e gregas azues.

Como mostra a aguarella feita do natural, a meu pedido, por Antonio Quaresma, trata-se de uma bella peça, que bem merecia ser adquirida para o Museu Nacional de Coches.

*Museu Machado de Castro, de Coimbra.* — Em uma arrecadação d'este Museu, estão guardadas duas berlindas, quasi eguaes, que pertenceram ao bispo D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho. Teem os painéis pintados com grinaldas e com o brazão d'este prelado.

Em outra arrecadação contigua, existem restos de uma liteira do seculo XVIII, duas séges, mais uma berlinda e dois carrinhos de passeio.

*Conde de Monte Real.* — Além de uma interessante cadeirinha, possui este titular uma linda liteira Luiz XVI.



DO SR. CONDE DE MONTE REAL — LISBOA

Tem os painéis pintados com brazão d'armas, figuras symbolicas e frisos de medalhões. Nas portinholas, ladeadas por maçanetas, anjos segurando escudos com iniciaes. Cortinas e estofa de damasco vermelho.

D. S. P.

## Ó ABRIGO PASTORIL NA SERRA

(NOTAS DO GEREZ)

Em o derradeiro domingo de Abril de cada um anno depois da missa conventual, sem qualquer convocação previa, porque assim o estabelece o velho uso, e assim o determina o velho *Livro que hade servir para o Rol da Viseira das Va-*



«FÔRNO» DE ABRIGO DOS PASTORES NO CURRAL DA CHÃ DE LAMAS, CAMINHO DE S. JOÃO DO CAMPO  
(SERRA DO GEREZ) — JULHO DE 1924

cas da freguezia de Santo Antonio do Vilar da Veiga, reúnem-se no sitio da Moldeira todos os que teem vacas, para assentarem no *dia dos Covaes*.

O dia dos Covaes, ou seja aquele em que os vezeiros do Vilar da Veiga vão á serra percorrer os curraes (1) que lhes pertencem e concertar os fornos (2) e os

---

(1) Chãs de apascentamento e de abrigo, onde diariamente se reúnem á tarde os gados para a pernoita e para a contagem e entrega ao pastor que vae para o reveso.

(2) *Forno* é o pequeno abrigo ou cabana, rudimentarmente construido de pedra sêca e terra batida, onde os pastores se recolhem e pernoitam.

## Ó ABRIGO PASTORIL NA SERRA

caminhos, é o acto preliminar da subida dos gados á pastoreação dos altos, a ele nenhum faltando, sob pena de pagarem *de condena os costumes á Vezeira que são*



GEREZ — «FÔRNO» DE LEONTE (A PORTA BAIXA E TAPADA COM MATO PARA EVITAR A ENTRADA DE GADOS E OUTROS ANIMAES)

*trezentos reis excepto tendo vezeira de rés (1), ou gado (2), ou boda ou Baptisado, ou cargo de justiça.*

E', por assim dizer, um dia de folgança, em que desde manhã se veem passar os lavradores vezeiros, isoladamente ou em grupos, de sachola ao hombro e merenda a tiracolo, até ao ponto de reunião combinado, onde se dividem, voltando mais tarde, depois de colocados alguns torrões, mudadas algumas telhas de canudo nas cabanas e substituidas algumas mariolas (3), ou reconstituidos alguns lances de carreiros que a invernia arruinou, a reunir-se no curral de Vidoeiro, onde exibem as fartas merendas e borrachas cheias, no melhor capricho de cada um, reciprocamente se oferecendo e em comunidade consumidas.

O dia 1 de Maio é o dia oficial de pôr a vezeira na serra, levando cada qual as suas vacas onde o Acôrdo (4) o tiver estabelecido, ficando obri-

gado o pastor que nesse dia entrar, a levar consigo a louça, o alvião, a caldeira, as cordas e outros utensilios á dita vezeira pertencentes.

Cada freguezia tem as suas zonas de pastoreação secularmente estabelecidas, com curraes de longe em longe, onde as terras fizeram chá e as pastagens melhor

(1) *Vezeira* é a reunião de uma dada especie de gados de todos os lavradores, pastoreando em comum e por eles guardados por escala e á vez.

*Rez* diz-se do gado caprino. *Vezeira de rez* — rebanho comum de gado caprino.

(2) *Gado* é o gado bovino sómente.

(3) *Mariolas* — Pedras pequenas e outros sinais, colocados sobre outras maiores que as tornam visiveis, para indicarem aos pastores os caminhos tapados pelas neves, ou marcar outros pontos de passagem onde não haja caminho aberto.

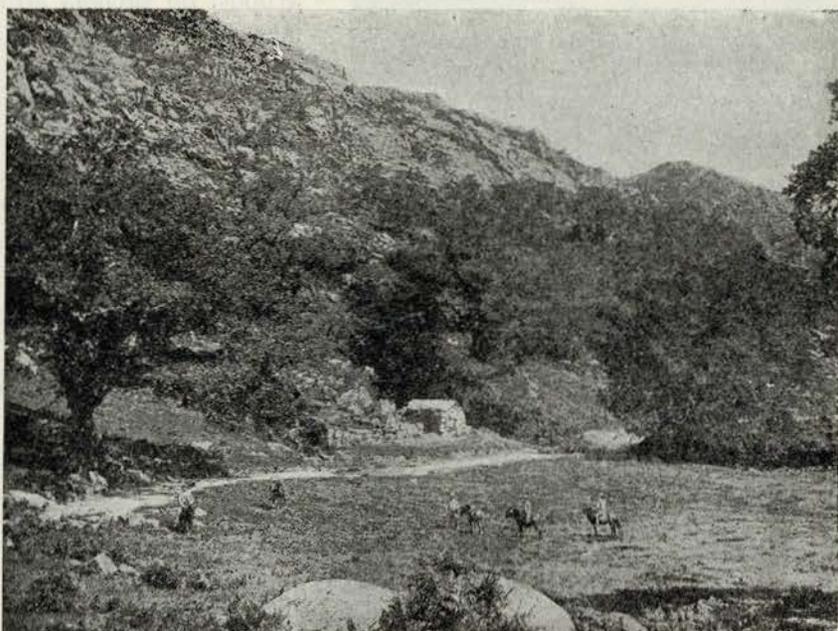
(4) *Acôrdo* ou *Junta* é a reunião dos individuos que se constituem em vezeira.

## Ô ABRIGO PASTORIL NA SERRA

crecem, servindo eles para estabelecer os centros onde a vezeira, em rotação, se demora, percorrendo-os um a um, durante os dias em que os arredores de cada qual garantem a comida bastante.

Pastadas as terras à volta de um curral, a vezeira, quando o acordo assim o manda, desloca-se a seguir para outro, caminhando dos pontos altos e afastados para os mais baixos e proximos, até descer ao povoado quando as hervas entram a secar e o inverno se aproxima.

Da Borrageira — um dos pontos culminantes da serra — para baixo, só depois da Senhora da Abadia (15 de Agosto) e dahi para o *eido* (1) quando o acôrdo



GEREZ — CHÁ DE LEONTE, COM UM ABRIGO

o determinar, ficando, porem, ainda por lá alguns gados, mas então ao *feirio* (2) e sem responsabilidades de guarda da vezeira.

Para o estadio em cada curral tem o pastor o seu fôrno, ou cabana, onde se recolhe e abriga. São construções tôscas, ligeiras, de pedras sêcas, mal dispostas geralmente, umas revestidas e outras não, de torrões (3), tapando os intervalos. Cobertas umas de telha redonda, á portugueza; cobertas outras de torrão, guardando pedras largas e delgadas.

---

(1) *Eido* — O mesmo que *côrte*. Tambem se chama *eido* ao espaço compreendido nos limites do povoado, ou ao proprio *logar*.

(2) *Ao feirio* — Em pastoreação livre. Desacompanhado.

(3) *Torrão* — Terra com herva aderente.

## O ABRIGO PASTORIL NA SERRA

As suas dimensões e capacidade não são grandes: 2 a 2,50 metros de alto, por 2,50 a 3 metros de comprido, com as portas baixas, por onde o homem passe bem curvado e por elas não entre o gado. Tres a seis, ou oito pessoas é o maximo que nelas caberão.

A cobertura de uns fornos é redonda, aguçada; a de outros com armação em duas aguas.

O pavimento coberto de fetos ou mato meudo para amaciar a dormida e junto da porta, do lado de fora, em muito fornos a pia, ou pias, cavadas na rocha firme ou moveis, para a comida e bebida do cão, inseparavel companheiro e amigo da montanha. A porta de serventia unica, tapada apenas por alguns gravetos de mato ou ramaria, indicadores só de uma linha de respeito.

O travejamento é tosco, como a construção em que se emprega, e fornecido sempre pelos carvalhos mais proximos, que os há com fartura na serra, brotando e crescendo com espontanea pujança naquele solo abençoado.

Esta habitação e os costumes que descritos deixo, são mais ou menos comuns a todos os povos da serra, e não só ao de Vilar da Veiga, pelo que, a não ser com alguma variação menor, se encontram nos homens e nos usos de Rio Caldo, de Covide, de S. João do Campo e Vilarinho, de Cabril e de Pitões e por ahí fora, até termos do Suajo e Lindoso, por um lado; até termos de Barroso e Montalegre, pelo outro.

Segue um ensaio de distribuição geografica:

Perto da Galiza, o curral da Amoreira, gereziano portuguez, mas no uso-fruto dos gados e dos visinhos do lado de lá, um dos maiores da serra, de pedra e de torrão.

Na Chã do Carvalho e nos Prados Caveiros dois de pedra e terra, pertencentes a Vilarinho e mais dois de pedra e telha em S. Miguel e Albergaria, e outros mais.

S. João do Campo tem o seu forno de pedra e telha no Curral de Leonte de Baixo, e outros, de um e outro tipo, dispersos.

Vilar da Veiga, quasi todos de pedra e telha, tem os fornos dos curraes dos Prados da Messe, do Conho, de Leonte de Cima, e outros, cahindo em desuso os da Mijaceira e Vidoeiro, por estarem cortados e devassados agora pela estrada publica para a fronteira; e Rio Caldo tem o Vidoal, de pedra e telha, ao subir de Leonte e antes de chegar á Borrageira.

Esta é a habitação da serra, unico refugio noutros tempos, com alguma *pala* (1) natural, de quem por lá deambulava, simples caminheiro, contrabandista, ou pastor hoje já acompanhada pelas numerosas casas da guarda florestal, quebrando a solidão da floresta e das fragas.

O forno dos pastores gerezianos, ligado ao regimen comunalista e pastoril

---

(1) *Pala* — Abrigo natural constituido por algumas rochas, que, tomando disposições especiaes, formam grandes espaços cobertos, onde os pastores e, até mesmo, os gados se recolhem.

## O ABRIGO PASTORIL NA SERRA

que os seus povos teem, é bem ainda, pelo espirito ancestral que representa, o espelho liso da tradição em que aquela gente, sequestrada do mundo, vivia noutras eras a vida de paz, a vida simples de fraternidade e de amor, que os novos tempos e as civilisações novas lhes vão dia a dia enfraquecendo e quebrando.

Conserval-o, é conservar e respeitar o passado.

Cintra, Maio de 1924.

TUDE M. DE SOUSA.



## UM QUADRO, ASSINADO, DE VASCO FERNANDES

O Sr. Dr. José Augusto Pereira, ilustre professor e director da Escola Industrial Emídio Navarro, de Viseu, filho do pintor viseense Antonio José Pereira, que



floresceu no seculo passado na capital da Beira, copiou o quadro de Vasco Fernandes que seu pae possuiu e se encontra hoje na Colecção Cook, em Richmond.

Para quem não tenha visto o triptico, nem copia fotografica dele, a presente reprodução de uma aguarela executada pelo mesmo professor servirá para aquilatar do valor da obra do grande Vasco viseense.

## CRONICA

### AINDA EM RESPOSTA A CERTAS AMABILIDADES

A revista do sr. Lopes Vieira e C.<sup>a</sup>, não se dignou publicar, como era sua obrigação moral e legal, a carta que à Ex.<sup>ma</sup> Directora da mesma enviei, respondendo àquela que o pintor Luciano Freire inseria na *Lusitania* (fasc. III).

Publicando-a no n.º 39 da *Terra Portuguesa* restabeleci a verdade dos factos, isto é, que não houvera inconfidencia da minha parte, pois não fôra pelo pintor que eu soubera que as cópias dos painéis de S. Vicente destinadas ao Brasil se deviam à colaboração de Luciano Freire e Fernando Mardel, seu ajudante.

Não me limitei, porém, a esse esclarecimento. Como as relações de amizade que mantinha com o professor Freire me permitiam que lhe pedisse explicações directas, procurei-o à saída de Escola de Belas Artes, para esse efeito.

O que o pintor me disse, satisfiz-me de certo modo, perdoando-lhe o resto no meu fôro íntimo, pela amizade que lhe dedicava.

Mas como não obtive satisfação publica, nem da parte dele, nem da revista onde a carta safu, vejo-me obrigado a dar à estampa o que lhe ouvi, e que foi isto, em resumo:

«Sentia ter publicado a carta, principalmente *porque não houvera inconfidencia da minha parte*, pois o caso da colaboração de Mardel era conhecido de varias pessoas, e até lhe parecia que um jornalista havia divulgado esse facto. Mas eu é que provocára aquela explosão literaria, maguando-o com referencias desagradaveis ao Conselho de Arte, de que era vice-presidente, e com graças a proposito da futura direcção do Museu de Arte Antiga pelo pintor Carlos Reis; por outro lado eu não havia seguido, no meu *Vasco Fernandes*, os repetidos conselhos que me dera de não attribuir ao pintor viseense, o retabulo de Lamego».

Escusaria quasi de anotar que as referencias ao Conselho de Arte da 1.<sup>a</sup> circunscricção, que deixa o srs. Freire e Figueiredo fazer tudo quanto querem, só pecam por benevolas; que de facto é ao sr. Carlos Reis que pertence moralmente a directoria do Museu de Arte Antiga, em que Figueiredo se substituiu; e que se escrevesse no meu livro o que o sr. Freire me indicava, não seria eu, mas ele, o autor da obra. Ora nunca ele, nem Figueiredo, nem pessoa alguma, (a não ser os tipografos) leram, antes de publicado, aquilo que eu escrevo. O que é meu, é só meu.

«Aquelas as razões que o haviam levado, num impulso de ocasião, a escrever a carta!».

Esqueceu-lhe uma, certamente: — a influencia de Figueiredo e companhia, preparando-o, induzindo-o, provocando-o a executar essa peça vistosa do programa! E Freire arremeteu ignuamente, às cegas, e Figueiredo ficou-se a rir, a chamar-lhe *burro!*

### SIC VALEAS...

O *Guia de Portugal*, recentemente publicado, insere uma introdução artistica devida a pena do sr. Reinaldo dos Santos, medico que às artes tem dedicado porfiosamente nos ultimos anos os seus lazeres, que pelo visto são muitos.

Como nessa introdução o sr. R. dos S. não se dispensou de me *jogar uma piada*, entendi como pano de amostra de uma critica que poderia fazer a essa pretenciosa «Introdução» cheia,

## CRONICA

principalmente, de retumbantes banalidades — que os amigos do autor consideraram inédito ouro de lei, quando quasi tudo se encontra dito e redito em historiadores de arte portugueses e estrangeiros —, apresentar aos leitores, o mais sucintamente que puder, visto que não disponho de grande espaço, algumas anotações aos capitulos referentes à arquitectura e escultura arcaicas.

Pag. 83: — Das tres influencias apontadas pelo sr. R. dos Santos como vincantes na vida social, religiosa e militar dos primórdios da monarquia, ele proprio diz, mais abaixo, que uma foi sem consequencias imediatas e outra só dois seculos mais tarde é que floresceu na Batalha!

Pag. 83. Watson diz que o plano da igreja *deve ter sido* mandado de Clairvaux.

Pag. 83.: — A descoberta da inspiração de Alcobça em Pontigny lê-se, por exemplo, em Dieulafoy, p. 351. (As citações deste autor são tiradas da edição espanhola).

Pag. 84: — Segundo o sr. R. dos S, a Sé Velha é de estilo auvernês passando por S. Tiago de Compostela.

É esta a opinião de abalisados autores, por exemplo Dieulafoy, p. 350, e está certo. O que não se compreende é como o autór nos fala da influencia de Cluny, religiosa, quando a escola de Auvergne é laica.

Pag. 85: — O que diz de forma *poitevine* das *escamas imbricadas* (deixemos passar o pleonasm) das cúpulas da Sé de Evora, disse-o Dieulafoy; alem de citar para comparação a Torre del Gallo podia acrescentar a cúpula da cathedral de Zamora.

Pag. 85: — A classificação dos claustros é de Walter Crum Watson, que bem merecia uma versão do seu *Portuguese Architecture* (cfr. p. 71)...

Pag. 86: — Diz o sr. R. dos S. que o claustro de ogivas cruzadas (*sic*) de tipo cisterciense entrara na Catalunha (*sic*), e entre nós surgiu em Alcobça (1308-11) onde se devem filiar naturalmente as crastas das Sés de Coimbra, Lisboa, Evora e Porto...

E então o claustro da Sé de Coimbra, que é anterior ao de Alcobça?

Pag. 86: — A data que atribue ao claustro da cathedral de Evora está errada. Esse não é de 1376, mas anterior a 1340.

Pag. 86: — «O reinado de D. Diniz balisa o verdadeiro inicio da infiltração do ogival.» Falso. Basta para demonstrar essa falsidade, o supracitado claustro da Sé Velha de Coimbra.

Pag. 86: — «As formas de arte chegaram a Portugal com um atraso por vezes superior a meio seculo.» É verdade. Todos os historiadores, desde Street, o afirmam... «e sobrevieram muito alem do periodo historico da sua florescia no pais da origem».

Com certeza: Se a observação é verdadeira deviam sobreviver ao menos meio seculo!

Pag. 86: — «Santa Maria do Olival, modelo nacional» é afirmação de Walter Crum (p. 66); «iniciado em Tomar pelos Templarios» (*idem, e ibidem*). Crum cita tambem, como o sr. R. dos Santos, Leça do Bailio e Silves.

Pag. 87: — «A abobada da Batalha é identica à de Alcobça» (Walter Crum, p. 89), e «o portal sul, arcaico, lembra o de S. Francisco de Santarem» (*idem*, p. 83 e 89). «Estas afinidades *mostram* (o italico é nosso) que o seu primeiro architecto, o português Afonso Domingues, se inspirou nas *formas tradicionaes do pais*» (!!) Já se esqueceu nesta altura que Alcobça foi importada de Clairvaux...

Pag. 87: — «... *Tudo sugere* que o seu segundo architecto, Huguet... era um mestre iniciado no gótico de York» (Crum, p. 86) «e Cantuaria» (Haupt).

Pag. 90: — A frase que o sr. R. dos S. me endereça nesta pagina, repetição de outra, mais directa que escreveu ha tempos na *Lusitania*, é a seguinte:

«É nisso que o *manuelino* profundamente se distingue do *plateresco*, com o qual tem sido grosseiramente confundido».

Ora vou provar a este sr. critico, *que ele é que não sabe o que é plateresco*.

Leia-se este bocadinho de ouro, a pag. 88 do *Guia de Portugal*, a respeito da arte manuelina:

«No norte predominou a dos biscainhos: em Caminha, Braga e Vila do Conde, cujo portal *plateresco*, da matriz, dir-se-ia inspirado no da cathedral nova de Salamanca...»

*Plateresco!* Ora o sr. Santos que não sabe que a Cathedral nova de Salamanca é uma das

## CRONICA

ultimas manifestações da architectura gótica em Espanha... Vê o sr. R. dos S. mais que os melhores de Espanha. Teem de o importar para lhes classificar os monumentos...

Para terminar, mais umas leves anotações sobre a parte referente à escultura romano-gótica:

Pag. 94: — «Como a architectura, a escultura romana nasceu (sic) no Norte, ora tallada toscamente no granito dos portais de Bravães e capiteis de Rio Mau... ora na estatuária jacente semi-barbara dos túmulos de Pombeiro e Paderne». Romanicos os jacentes de Pombeiro e Paderne! Engano quasi de dois seculos. Se os de Paderne ainda poderão ser do seculo XIII, os de Pombeiro são plenamente do seculo XIV...

Pag. 96: — «Superior porem a todos é o tumulo do bispo D. Gonçalo Pereira (Sé de Braga, m. 1336)...»

D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga morreu em 1358, não em 1336. O que segue acêrca do túmulo, repetição do que apressadamente o autor já introduziu em criticas, será em tempo posto a claro pela publicação do livro do dr. Alberto Feio.

Pag. 98: — «Túmulos como os de Tomar (D. Diogo da Gama), Santarem (P. A. Cabral)...»

Pedro Alvares Cabral jaz em campa rasa na Graça, não tem túmulo erguido. O autor talvez se quizesse referir a João Afonso de Santarem, que está em S. Nicolau, ou a D. Pedro de Menezes. Um bocadinho mais de cuidado numa obra como o *Guia* não ficaria mal...

Etc. Para amostra, como disse, é suficiente. Nem original, nem inatacavel. Um resumo em que as palavras substituem frequentes vezes as ideias precisas.

## LIVROS

*La catedral gótica de Valencia*, por D. Elias Tormo y Monzó, (Valencia, 1923): — O Dr. D. Elias Tormo, professor da Universidade Central de Madrid, é um dos mais notaveis historiadores e criticos de arte antiga da nação visinha. Verdadeiro mestre, na mais nobre e extensa significação da palavra, cada um dos livros que publica marca sempre avanço definitivo no campo dos conhecimentos de historia artistica do seu país. O exemplar do seu trabalho sobre o admiravel monumento que é a catedral valenciana no-lo vem confirmar. A proposito da cobertura de igrejas góticas com terraços não se esquece o professor Tormo de mencionar a nossa Batalha e o seu architecto Huguet. Igualmente nos enviou o illustre professor a sua conferencia, *España y el arte Napolitano (siglos xv-xviii)*, admiravel sintese sobre as relações artisticas hispano-italianas; e o estudo *Las tablas memlingianas de Nájera, del Museo de Amberes*, inserto nas *Mélanges Bertaux* (Paris, 1924).

Faenza. Ano XII (1924): — O doutor Gaetano Ballardini, director do *Museo internazionale delle ceramiche* de Faenza, continua a manter com crescente successo o *Bolletino* do mesmo Museu, para o qual contribuiu, no ano de 1924 com belos artigos, entre os quaes cumpre destacar: *Un'antica decorazione architettonica di maiolica policroma in Rimini*, e *Maioliche di Deruta*.

*Les peintures rupestres schématiques d'Espagne — Les anciennes découvertes*, pelo professor H. Breuil (Barcelona, 1924): — O incansavel pre-historiador francês que todo o mundo scientifico admira, continua publicando os seus valiosos trabalhos, resultado de investigações e de exames directos. Magnifico material de primeira mão. Acompanhado de numerosas fotografias e graficos, o novo voluminho acima mencionado occupa-se de pinturas de Fuencaliente (*Pedra Escrita e Batanera*) e Velez Blanco (*Cueva de los Letreros*).

Enviou-nos juntamente o illustre professor do Instituto de Paleontologia a sua separata da *Rev. Ant.*, — *Nouvelles figurations humaines de la caverne David, a Cabrerets (Lot)*, que muito agradecemos.

*Chronique ibéro-romaine*, por Raymond Lantier (Bordeaux-1924): — O illustre autor de *El santuario ibérico de Castelar de Santisteban*, apezar de colocado agora na Tunisia em serviço da sua especialidade, continua a enviar com regularidade para o *Bulletin Hispanique* as suas cronicas sobre o movimento archeologico hespanhol, excavações e publicações.

## CRONICA

Interessa especialmente quanto refere de ibéros e celtas.

*Um curioso amuleto...* por Ismael del Pan: — Em separata das *Memorias* da moça *Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria* recebemos do distinto professor toledano um interessante estudo acerca de um amuleto empregado contra o *mau olhado* em algumas regiões hespanholas pelos proprietarios de gado cavalár.

*De Metal-lúrgia Prehistórica a Catalunya*, por J. Serra i Vilaró, (Solsona-1924): — O explorador da região de Solsona, um dos que melhor estão trabalhando atualmente em Espanha, enviou-nos o folheto supra-mencionado, onde a primeira idade dos metaes catalã recebe com numerosos documentos ineditos — moldes de machados e vasos —, notavel avanço.

*Revista de Archivos, Bibliotecas y Musos*, 2.º semestre de 1924: — Nos dois tomos deste ultimo semestre do ano findo encontramos a continuação dos notaveis *Datos para la Historia del Arte Español*, de Diaz Jimenez; um estudo sobre a origem da catedral de Sigüenza; o *Bosquejo de un estudio sintetico sobre el paleolitico del Valle de Manzanares*, de Wernert e Barradas; o Discurso proferido pelo sr. Rodrigues Marin na inauguração da exposição de Camões, etc. Interessa-nos especialmente o artigo *El dios Arminio en España* que se ocupa da Torre de Hercules já reproduzidos nesta Revista pelo Dr. Mesquita de Figueiredo, a proposito de seu suposto construtor, o architecto lusitano Sevius Lupus Aeminiensis.

*A Porcelana em Portugal. A Fabrica da Vista Alegre*, por D. José Pessanha (Lisboa-1924): — É este o titulo da conferencia realizada pelo notavel professor de historia da arte, no encerramento da exposição. Obra de um investigador e de um artista, dá-nos em synthese, além de uma historia da porcelana a historia da fabrica da Vista Alegre. A edição é da Livraria Aillaud e Bertrand.

*O fenómeno religioso e a simbólica*, por Aarão de Lacerda, (Porto-1925): — Espirito de uma sensibilidade invulgar, estudioso e investigador, Aarão de Lacerda, ilustre professor de historia da arte da Faculdade de Letras do Porto, acaba de lançar no mercado o *Fenómeno religioso e a Simbólica*, estudo que apresentou como tésse de licenciatura na Faculdade de Letras de Coimbra, onde quiz completar o seu curso. É no nosso meio o mais notavel livro de filosofia de arte que se tem publicado; mas pela variedade de assuntos em que toca, pela profusa illustração documental que o acompanha, este livro interessa tambem a todos os estudiosos de arte e arqueologia descriptiva. Reparte-se a obra por três capitulos — a pre-religião, a religião e a simbólica — merecendo cada qual ao autor brilhantes conceitos, aproximações, apreciações por vezes originaes, citações dos mais recentes trabalhos estrangeiros.

*Olivença*, por Matos Sequeira, Rocha Junior e Alberto Sousa (Lisboa-1924): — Publicado em edição rica pela livraria *Portugalia*, este livro de historia, de arte e de patriotismo, em que três temperamentos de realizadores se fundiram harmonicamente, deve, sem favor, considerar-se uma das mais notaveis monografias que entre nós se tem publicado.

Ha que recomenda-lo a velhos e moços pela nobilissima lição que representa. A historia da vila fronteiriça, a sua arte, bem mereciam a admiravel reconstituição empreendida pelos autores.

*O Colegio das Artes I, 1547-1555*, por Mario Brandão (Coimbra 1924): — No mesmo periodo em que o professor Aarão de Lacerda se apresentou a prestar provas de licenciatura, outro estudioso comparecia para o mesmo fim, apresentando como tésse um notabilissimo trabalho de investigação e critica historica acerca do celebre *Colegio das Artes* de Coimbra. Fruto de aturadas pesquisas realizadas no arquivo da Universidade coimbrã durante perto de quatro anos, esse trabalho, que será continuado acerca de periodos subsequentes da vida do mesmo *Colegio*, é um repertorio estupendo de noticias, que exaure o assunto, e que definitivamente assenta balisas dentro das quaes a historia do celebre instituto toda enforma e se eleva formosamente.

*Os povos primitivos da Lusitania*, por Mendes Corrêa (Porto-1924): — Esta breve resenha bibliografica vae cheia de bons livros: após a historia e a arte, a arqueologia. A obra de Mendes Corrêa é, no seu campo, a mais notavel realizada em Portugal neste alvorecer da

## CRONICA

seculo xx. Abrangendo os complexos problemas geologicos e antropologicos escrita com entusiasmo e vernaculidade, além de tudo mais ela é um admiravel compendio que engloba o certo e o hipotetico que ácêrca da etnologia da peninsula, e em especial de Portugal, se tem apresentado nos ultimos tempos. É uma obra que nenhuma biblioteca de arqueologo póde dispensar.

*Estudo antropologico e etnografico da população de S. Pedro (Mogadouro)*, por Joaquim Rodrigues dos Santos Junior (Porto-1924): — Em separata dos «Trabalhos de Sociedade Portuguesa de Ant. e Etn.» publicou o estudioso assistente de antropologia da Faculdade de Sciencias do Porto, sr. Dr. Joaquim Rodrigues, uma valiosa monografia acêrca das gentes que habitam um rincão montesino perto de Mogadouro, e dos seus costumes. Acompanhada de boas fotografias e de desenhos simples, esta monografia da escola das da *Portugalia* vem demonstrar-nos que o fogo sagrado não se extingue, e que quando as chamas amortecem logo novo alento as anima e vivifica.

*Camões na obra de Sequeira*, pelo Dr. Xavier da Costa (Lisboa-1924): — No desempenho da sua benemerita ação sequeireana, o Dr. Xavier da Costa publicou mais um trabalho acêrca da obra do notavel pintor português, para com ela comemorar o 1.º centenario da exposição do quadro «A morte de Camões» no Salon do Louvre. O trabalho é acompanhado por uma zincografia e uma fotogravura reproduzindo desenhos inéditos do grande artista.

*Episodios Dramaticos da Inquisição Portuguesa*, vol. II, por Antonio Baião, (Rio de Janeiro-1924): — Inexplicavelmente esta obra do illustre director do Arquivo Nacional não appareceu á venda em Lisboa. Ela é contudo interessantissima para o conhecimento das vicissitudes por que tem passado as ideias em Portugal, pois se ocupa de escritores que foram incomodados pelo Santo Officio. Entre os mencionados contam-se: o Cavaleiro de Oliveira; Bento de Moura Portugal; Serrão de Castro; Francisco Manoel do Nascimento; José Anastacio da Cunha; Pereira Caldas; Xavier de Mattos; Bocage; Curvo Semedo; José Agostinho de Macedo; etc.

*Historia e Genealogia*, Vol. XI, por Afonso de Dornelas (Lisboa — 1924); — Afonso de Dornelas cuja actividade literaria se tem afirmado nos ultimos anos exuberantemente, acaba de publicar o XI volume da sua *Historia e Genealogia*, brilhante miscelanea onde tem reunido uma admiravel documentação de factos passados, e de acontecimentos do seu tempo a que tem andado ligado. Este volume é quasi todo consagrado a Nun'alvares, merecendo especial relevo a «Critica á iconografia de D. Nuno Alvares Pereira» em que responde a uns desacêrtos pretenciosos do sr. José de Figueiredo.

É tambem interessantissima a nota intitulada «Os artifices de Nun'Alvares». A documentação grafica que acompanha o volume é, como em todos os livros de Dornelas, magnifica.

*A Colegiada de Barcos*, pelo P.º Ismael Vilela (Porto — 1924): — O sr. P.º Ismael Vilela, prior da matriz de Barcos, é um sacerdote ilustrado e zeloso, que à sua igreja consagra, desde largos anos, o melhor dos seus estudos e investigações. Folheando os livros paroquiaes, anotando as *visitações*, inventariando alfaias, confrontando os livros dos documentos com o exame das pedras talhadas, conseguiu elaborar uma interessante monografia que o patriotico auxilio do sr. José Creissac trouxe a lume no ano findo. E', no seu genero, trabalho completo e honestissimo.

*Manifesto do Reino de Portugal*, nova edição, prefaciado pelo Doutor Joaquim de Carvalho (Coimbra — 1924): — Para comemorar o 284.º aniversario da Restauração, Joaquim de Carvalho o benemerito director da Imprensa da Universidade, a quem a cultura portuguesa deve, nos ultimos quatro anos, grossa quantia de elementos de trabalho e de estudo, reimprimiu o *Manifesto* do velho jurisconsulto Pais Viegas, precedendo-o de um erudito prefacio.

*Mobiliario Artistico Portugues*, por Alfredo Guimarães e Albano Sardoeira (Porto — 1924): — Alfredo Guimarães, notavel artista e etnografo, é bem conhecido dos leitores desta revista; Albano Sardoeira, um novo de talento e com magnificas qualidades de trabalhador, revela-se agora neste livro, escrito de colaboração com o primeiro. Editada por Marques Abreu que reproduziu admiravelmente as fotografias de Sardoeira e os delicadissimos desenhos de João Amaral que enriquecem a parte historica e descritiva da obra, esta marca, indubitavelmente, um

## CRONICA

bom lugar dentro da historia do mobiliario entre nós. O apertado do espaço não me permite realizar agora a critica minuciosa da parte historica do livro, esperando porem fazê-lo breve.

*Duas obras do Doutor Teixeira de Carvalho:* — A incansavel dedicaçao de Candido Nazareth acaba de trazer a lume mais dois livros do falecido critico e historiador de arte, Dr. Teixeira de Carvalho. Intitula-se uma, *Homens de Outros Tempos*, e engloba os estudos que Quim Martins escreveu acêrca de Garcia d'Orta, Pedro Nunes, João de Ruão e Francisco Guerreiro. Livro documentado, de fundo, inalteravel. A outra deu Candido Nazareth o titulo de *Tempo Perdido*, e nele reuniu quatro dezenas de *bluettes* literarias, graciosos nadas em que o delicadissimo esteta se deliciava por vezes. Literatura de ha 30 anos, esse livro marca e vinca mais uma faceta do seu notabilissimo espirito. O primeiro livro traz um prefacio do Prof. Ricardo Jorge; o segundo do poeta João de Barros. Magnificos ambos, mostram que Candido Nazareth possui alem de sentimento de gratidao, o sentido das proporçoes.

*Biblos*, n.º 1 e 2, Coimbra, (Janeiro de 1925): — O illustre director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sr. Doutor Mendes dos Remedios, iniciou a publicaçao de um *Boletim da Biblioteca* da mesma Faculdade, assim intitulado, e que se destina a tornar conhecidos os trabalhos da mesma Faculdade e a obter a permuta de publicaçoes scientificas.

Esse Boletim servirá tambem, — na fase em que a Faculdade vae entrar, de expansao europeia atravez o *Curso de Férias* para estrangeiros, organizado pelo mesmo illustre professor —, de elemento de coordenaçao e publicidade.

Insera artigos e criticas dos professores Antonio de Vasconcellos, Mendes dos Remedios, Gonçalves Cerejeira e Oliveira Gmimarães, bem como uma noticia da exposiçao bibliografica *Vasco da Gama*, realizada na Biblioteca da Universidade, por Ernesto Donato.

*O trajo popular em Portugal nos seculos XVI e XVII*, por Alberto Sousa, Lisboa, 1925: — Estao publicados os dois primeiros fasciculos desta notabilissima obra que o trabalho e o talento de Alberto Sousa criaram e souberam erguer de chão maninho e ingrato.



## UM LAPSO ARQUEOLOGICO

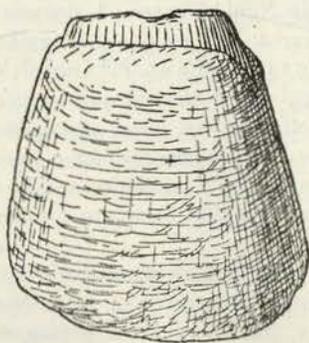


Fig. 48. — HACHA DE FIBROLITA ENMANGADA EN UN CONO DE BARRO, ASOMANDO SÓLO EL FILO DEL HACHA, DEL ANTA I.ª DE LA HEREDAD DE ENTREAGUAS.

Num artigo intitulado *Encabamento de instrumentos prehistoricos*, publicado no *Arch. Port.*, vol. XXV, o Dr. Leite de Vasconcelos transcreve de uma relaçao manuscrita das especies encontradas numa anta alentejana, por mim explorada, algumas frases, que, segundo o mesmo senhor, representam uma interpretaçao erronea do destino de certo objecto. «Pura fantasia», comenta o sr. Leite de Vasconcelos.

Ora o sr. L. de V., professor de arqueologia, não pode ignorar a existencia de um livro publicado em 1921 pela *Comission de Investigaciones* de Madrid, intitulado *El Neolitico de Pavia*, da autoria de Vergilio Correia, no qual se encontra a gravura junta, acompanhada pela legenda sotoposta que explica o destino do objecto.

Se não leu o livro, perdeu, porque é o mais completo trabalho sobre *dolmens* portugueses que se tem publicado; livro de um portuguez publicado em espanhol, e levado a todo o mundo pela *Comission*, o que muito orgulha o autór...

V. C.



João de

Anna do Coimbra

